

**A participação do arquiteto Richard Neutra no Congresso Internacional
Extraordinário de Críticos de Arte em 1959.**

Autor: Dr^a Patricia Pimenta Azevedo Ribeiro

Professora Assistente na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Uberlândia, doutora em Arquitetura e Urbanismo – área: Projeto de arquitetura pela FAUUSP, mestre em Arquitetura pela Escola de Engenharia de São Carlos USP, membro do DOCOMOMO Brasil. Rua João Severiano Rodrigues da Cunha 1092, casa 11, bairro Jardim Karaíba, Uberlândia, Minas Gerais, CEP 38411-178 – fone: (34) 3236 2916 / (34) 96674545 – pparibeiro@ufu.br

Resumo

A participação do arquiteto Richard Neutra no Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte em 1959.

O presente trabalho tem a intenção de fazer uma análise da participação do arquiteto austríaco Richard J. Neutra no Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte que aconteceu em setembro de 1959 nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. O congresso sob o tema “A cidade Nova: síntese das artes”, proposto por Mario Pedrosa, contou com a participação de importantes arquitetos e críticos de arte. Essa análise está fundamentada no texto que o arquiteto Neutra enviou para os Anais, não publicado, mas que é o mesmo divulgado pela Revista Habitat em dezembro de 1959 e no texto, de autoria do arquiteto, publicado em outubro de 1959 na revista Módulo.

O texto da revista Habitat denominado: “Dos aspectos formais não visuais do plano da cidade e seu contexto urbanístico” versa sobre a planificação da cidade por uma abordagem sinestésica e afirma a necessidade de um esforço conjunto de todas as artes e de todas as técnicas para concretização do projeto urbano. Neutra propôs que a arte e a técnica se associem com a mesma naturalidade que as encontramos na natureza.

O texto da revista Módulo “Planejamento um problema humano com base no indivíduo” problematiza o raciocínio do projeto só com bases estatísticas e defende o raciocínio por uma análise do homem com as características da individualidade.

Pretende-se fazer a leitura dos dois textos acima citados relacionando-os aos projetos arquitetônicos e urbanísticos de Neutra e aos livros de sua autoria “Survival Through Design” e “Realismo Biológico: um nuevo renacimiento humanístico em arquitectura”. O primeiro, publicado em 1954, são 47 ensaios que tem por princípio elencar as preocupações de um arquiteto urbanista frente a uma civilização que ele denomina de técnica e arrogante, que crê no progresso como devastação. O segundo livro, publicado na Argentina em 1958, é uma coletânea das palestras pronunciadas em 1956, no Canadá, por Richard Neutra. As palestras estão divididas em três grupos: o primeiro diz respeito à filosofia do projeto, no segundo agrupa as palestras referentes ao ensino de arquitetura e na terceira parte do livro relata a sua biografia, o começo de sua carreira nos Estados Unidos.

Dois projetos de Richard Neutra contaram com a participação de Roberto Burle Marx para contribuir com síntese das artes na arquitetura. Na casa De Schulthess, perto de Havana, Cuba, de 1956, Marx foi convidado por Neutra para fazer o paisagismo enfatizando assim uma das premissas dos projetos de Neutra que é relacionar o interior da residência com a paisagem exterior. E no painel da “Amalgamated Clothing Workers of America” em Los Angeles em 1956, Burle Marx desenhou, além do paisagismo, um mural abstrato nas cores preta, branca, verde e amarela, infelizmente hoje inexistente.

Palavras Chave: Richard Neutra, arquitetura moderna, Congresso Internacional de Arte

A participação do arquiteto Richard Neutra no Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte em 1959.

O presente trabalho tem a intenção de fazer uma análise da participação do arquiteto austríaco Richard Joseph Neutra no Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte que aconteceu em setembro de 1959 nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. O congresso sob o tema “A cidade Nova: síntese das artes”, proposto por Mario Pedrosa, contou com a participação de importantes arquitetos e críticos de arte. O Congresso foi dividido em oito sessões, a saber: 1) A cidade Nova 2) Urbanística 3) Técnica e Expressividade 4) Da Arquitetura 5) Das Artes Plásticas 6) Das Artes Industriais 7) A Educação Artística e 8) Situação das Artes na Idade Moderna. A segunda sessão, sobre urbanismo, ocorreu no dia 18 de setembro no Palácio da Justiça em Brasília, sete meses antes da inauguração oficial da capital, os trabalhos foram abertos pelo historiador Giulio Carlo Argan e participaram da mesa¹ como presidente J. Starzynski, como palestrantes William Holford², Bruno Zevi³ e Richard J. Neutra⁴ e como debatedores Eero Saarinen⁵, Douglas Haskell⁶, Fredrick J. Kiesler⁷ e André Wogenscky⁸. Usaram a palavra Hain Gamzu⁹ e Mario Pedrosa.¹⁰

As palestras proferidas versaram sobre o Plano de Brasília, foram abordadas por olhares distintos mas em síntese o que estava presente nas falas era a reflexão entre os grandes progressos tecnológicos e as necessidades dos seres humanos, tema inclusive que estava presente no debate internacional. Segundo Pedrosa (1981) a segunda sessão, dedicada ao

¹ Há informações contraditórias quanto os nomes dos palestrantes nas sessões. Para esse texto usou-se as informações obtidas pela transcrição da Segunda Sessão do Congresso.

²Urbanista inglês, foi um dos responsáveis pelo Plano Regulador de Londres, participou da Comissão Julgadora do Concurso do Plano de Brasília.

³Arquiteto, Historiador e Crítico de Arquitetura – professor de história da arquitetura do Instituto Superior de Arquitetura da Universidade de Veneza.

⁴Arquiteto austríaco (1892-1970), aluno de Adolf Loos, mudou para os Estados Unidos da América em 1923, em busca de um país industrializado e formado por imigrantes com espíritos mais livres. Trabalhou no estúdio de Frank Lloyd Wright, e depois em Los Angeles foi sócio de Rudolf Schindler por pouco tempo. Montou seu próprio estúdio, fez vários projetos experimentais com diferentes técnicas construtivas, refletiu sobre arquitetura e urbanismo o que resultou em vários livros publicados, tem uma extensa lista de obras residenciais e institucionais. Foi um dos participantes da exposição do MOMA conhecida como “International Style”. Foi membro do CIAM – Congresso Internacional de arquitetura moderna, foi também consultor do “Committee on Design of Public Works” onde coordenou a construção de escolas, hospitais e postos de saúde em Porto Rico.

⁵Arquiteto finlandês – (1910-1961), estudou arquitetura em Yale e estabeleceu-se em Michigan.

⁶Escritor norte americano - (1899 – 1979), crítico de arquitetura, trabalhou com Clarence Stein e como editor publicou Jane Jacobs.

⁷Arquiteto (1890-1965), designer e escritor, é mais um imigrante para os Estados Unidos da América.

⁸Arquiteto francês (1916-2004) discípulo de Le Corbusier. Em 1989 ganhou o prêmio francês “Grand Prix National de l’Architecture”. Publicou alguns livros, dentre eles “Mãos de Le Corbusier”.

⁹Crítico israelense.

¹⁰Crítico de arte brasileiro (1901-1981) – organizador desse Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte.

urbanismo, “foi a que colocou todos os problemas, desenvolvidos e debatidos posteriormente ao longo das sucessivas sessões.”

Iremos inicialmente comentar as falas de todos os participantes utilizando o documento de transcrição dessa segunda sessão, para depois fazer a análise da atuação do arquiteto Richard Neutra. Essa análise será fundamentada também no texto que o arquiteto Neutra enviou para os Anais, não publicado, mas que é o mesmo divulgado pela Revista Habitat em dezembro de 1959, e no texto, de autoria do arquiteto, publicado em outubro de 1959 na revista Módulo.

Holford fez uma leitura sobre o projeto de Costa comentando sobre a definição da escolha do projeto vencedor. Destacou a importância da arte como processo de comunicação e assim justificou a escolha no concurso de uma obra de arte e fez a leitura do projeto de Lucio como essa obra de arte necessária para uma nova capital de um país como o Brasil. Para Holford o plano de Lucio propunha a cidade como um objeto único que possui molduras internas, como células onde um crescimento orgânico pode ocorrer. Referia-se às superquadras residenciais, que cresceriam individualmente e isoladamente com o decorrer do tempo.

A fala de Bruno Zevi versou sobre “a dinâmica das estruturas urbanas”, que foram desmembradas na “dinâmica do plano piloto, na dinâmica da arquitetura e na dinâmica do acabamento urbano, que pressupõe a síntese das artes, isto é a colaboração da pintura e da escultura com a arquitetura.” Um plano de uma cidade passa a ter vida quando integrado por uma arquitetura que o torna tridimensional e por uma concepção da vida humana que o torna quadridimensional. Ou seja, o grande problema será encontrar “um instrumento que permita restabelecer a harmonia entre a eficiência mecânica e a possibilidade humana de viver nas cidades”.

Apontou que os defeitos de Brasília são os defeitos da cultura ocidental, uma fatalidade da cultura contemporânea. Ponderou sobre a crise da arquitetura moderna que para ele, era uma crise da concepção espacial, conseqüentemente questionou como a arquitetura naquele momento poderia atuar no plano urbano para adquirir a tão necessária adequação ao homem. Zevi não via a produção dos jovens arquitetos apresentarem uma arquitetura em que se possa ver uma passagem “dessa arquitetura para uma visão em escala de cidade.” “Noto-os muito preocupados com a monumentalidade, com a linha graciosa, com a luz, preocupadíssimos com idiosincrasias psicológicas, mas não vejo uma concepção nítida e forte bastante para que possa ser traduzida em termos de urbanismo”.

No momento do debate o arquiteto Eero Saarinen apontou três coisas “maravilhosas” em Brasília: o Plano de Costa, a arquitetura e a construção civil na sua grandiosidade do canteiro. Quanto ao plano, Saarinen viu em Brasília o símbolo para o povo, para ele é

função da arquitetura fazer com que o homem acredite nele mesmo e é isso o que objetivou o desenho de Costa. Viu também uma integração entre o plano e a arquitetura tanto que para ele era difícil distinguir onde termina o plano e onde começa a arquitetura, “porque quando o planejamento e arquitetura atingem seu mais alto nível eles se fundem inteiramente”.

Douglas Haskell repreendeu os críticos lembrando que nenhum deles tem competência para criticar, pois todos vieram de cidades que têm seus problemas e não poderiam julgar Brasília pela experiência que carregam. Brasília é jovem e está e em um país que, com uma produção geral, está na vanguarda da arquitetura moderna e ele viu sim uma interação entre arquitetura e o povo, pois ela, Brasília é uma ambição do povo.

Já Kiesler colocou-se contra o caráter monumental que Brasília apresenta. Criticou Brasília pela sua arquitetura moderna monumental que a seu ver é contrária a relação com o ser humano, defendeu que a simplicidade e as necessidades básicas deveriam ser os fatores da construção das cidades no Brasil.

Usou também a palavra nessa sessão o arquiteto francês Wogenscky que pensou as cidades sobre quatro aspectos que se interpenetram. O espaço cósmico que é o espaço geográfico. O espaço social que vê a cidade como local de múltiplas atividades sociais. O espaço pensado, ou seja, o espaço urbanístico que é dinâmico pelas forças sociológicas que ele abriga. E o espaço sensível que é esse espaço pensado e construído perceptível aos homens, se referindo à fala do arquiteto Neutra, falou sobre esse espaço que considera os sentidos do homem.

Para Hain Gamzu para Brasília não se tornar uma “cidade de repartição” deverá ter um espírito idealista, “uma cidade não se faz só com edifícios, mas com homens, com seres humanos, mais complexos que os organismos administrativos”.

Por último Mario Pedrosa pediu a palavra e fez uma defesa de Brasília utilizando as falas dos colegas que o antecederam e ao mesmo tempo respondendo aos questionamentos interpostos (introduzidos). Argumentou “... é evidente que Brasília é uma aventura. ... que se trata de um projeto.” Aventura é uma nova mentalidade, “Brasília é um símbolo ...expressão de um Brasil novo... nós somos condenados ao moderno.” Em resposta à fala de Zevi sentenciou que o problema cultural é passar da concepção ao plano, “passar da concepção à idéia, da utopia ao plano.”¹¹.

Por sua vez Neutra, que falou após Zevi, refletiu sobre as grandes realizações que ocorreriam no mundo naquele momento o que conseqüentemente incidiram em um maior

¹¹ Essas colocações de Pedrosa aparecem também no livro “Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília”.

consumo de óleo combustível e de eletricidade. Mostrou-se preocupado com a crescente população norte-americana que apresentava problemas emocionais e psicológicos em função de deficiências do ambiente humano no meio urbano e elogiou: “no meio de todas essas realizações de massa, Oscar Niemeyer e Lucio Costa não se perderam, e souberam dar valor ao indivíduo. Talvez seja esta a impressão mais importante que se leva de Brasília”. Disse que estava muito feliz de estar participando junto com colegas arquitetos do momento em que criam Brasília, conforme suas palavras: “na hora em que o futuro começa”. Neutra acreditou na proposta do plano de Lucio Costa. Estabeleceu um contraste entre as cidades de Sodoma e Gomorra e Brasília, sendo que as primeiras se “tornaram célebres por terem pervertido a natureza; Brasília se tornará célebre pela tentativa de restabelecer o que é biologicamente suportável”. Apesar de estarem em Brasília para ver Brasília tratou dos aspectos não visuais da arquitetura e do urbanismo, pois acreditava que essa era a forma de “ver” o futuro. Esses aspectos estão relacionados às sensações do homem, ou melhor, aos receptores sensoriais que o homem possui. Para Neutra o meio urbano nos apresenta como local onde sofremos muitos estímulos que vão muito além do meramente visual. Demonstrou sua análise acerca da visão e das sensações geradas por essa ação com o exemplo que se focarmos em um ponto de interesse na paisagem o nosso olho capta, na extremidade da retina, outros elementos que interferem na nossa leitura do todo. Várias impressões visuais. Assim, se participamos de uma cena a vemos diferente do que a olhássemos por uma fotografia. Entra aí a percepção que está vinculada às nossas outras sensações e as teorias da percepção da “Gestalt” onde o valor advém de um olho inteligente. E comentou como esse fenômeno acontece em Brasília.

Para entendermos melhor o que Neutra disse é importante salientar que ele foi um estudioso da psicologia experimental através das investigações de Wilhelm Wundt (1832-1920) sobre as sensações físicas relacionando o fisiológico com o psicológico.

Essa foi a participação oral do arquiteto Neutra conforme transcrição da sessão, passemos agora ao texto encaminhado para a publicação.

O texto da revista Habitat denominado: “Dos aspectos formais não visuais do plano da cidade e seu contexto urbanístico” versa sobre a planificação da cidade por uma abordagem sinestésica e afirma a necessidade de um esforço conjunto de todas as artes e de todas as técnicas para concretização do projeto urbano. Neutra propôs que a arte e a técnica se associem com a mesma naturalidade que as encontramos na natureza. Para Neutra “existe um realismo mais válido, de viver e sobreviver: o bio-realismo que o arquiteto e o urbanista devem adotar e defender, estudando infatigavelmente, os fenômenos da vida, como o fazia tão apaixonadamente Leonardo da Vinci.” “Bios”- em grego significa vida e “realismo” – ao modo como os seres humanos se comportam e evoluem.

Iniciou seu raciocínio na afirmativa de que cada “individuo é um armazenamento de experiências”, primeiro um contato e adaptação à natureza, mais tarde o homem se adapta à ambiência urbana que segundo suas previsões estará urbanamente saturada e que produzirá uma desordem visual e uma incongruência acelerada que perturbará os habitantes das cidades. Para compensar Neutra acreditava que a cidade e sua arquitetura não eram uma “música congelada” mas como ele já afirmou “o meio urbano nos apresenta muitos estímulos” e que percebemos, não só pela visão, mas pelo vento em algum “canto de rua ou de praça”, pelo sol incidindo ou sendo protegido em outro ponto, elementos que geram um dinamismo que pode ser definido por decisões de composição urbana.

E finaliza seu texto referindo-se a Brasília:

“O Novo Humanismo de Brasília demonstra uma fé na forma que pode fazer reviver os seres humanos. Este humanismo crê na luta contra o calor sufocante pelo triunfo de um deslocamento na natureza antes de possuir sistemas de ar condicionado mais perfeitos. Todas as nossas artes e técnicas reunidas, fundidas em um projeto urbanístico destinado a permitir ao povo viver plenamente numa atmosfera fresca, de calma e de clima vigoroso como este, poderia influenciar a administração inteira de uma grande nação em rápido crescimento.”

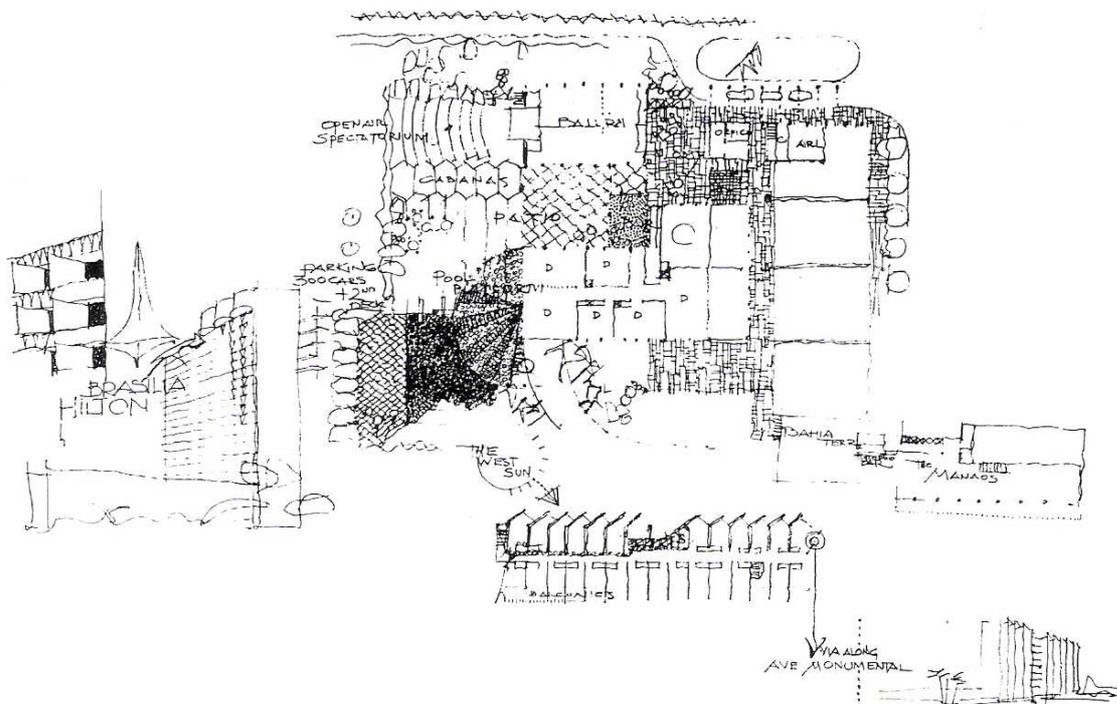


figura 1- Um estudo para o projeto de um Hotel em Brasília

Fonte: BOESIGER (1966, p.222)

O texto da revista Módulo “Planejamento um problema humano com base no individuo” problematiza o raciocínio do projeto só com bases estatísticas e defende o raciocínio por uma análise do homem com as características da individualidade. Novamente fez alusão à arquitetura brasileira quanto ao sentido humano que observou ao visitar Minas Gerais e Brasília. “Para mim, os brasileiros levam a palma como os mais humanos. Sempre lutei para encontrar esse denominador comum”. Ou seja, Neutra encontra aqui uma arquitetura e um urbanismo com características humanas, preocupados com o individuo, e suas emoções. E essa é uma pesquisa que ele buscava nos seus trabalhos. Neutra disse que como arquiteto e urbanista “põe em dúvida os conceitos da ‘razão pura’ do século XVIII e as subseqüentes idéias do século XIX, de simples raciocínio utilitário e pratico”. Deu a devida importância a emoção “ as emoções não são uma adulteração ou um aviltamento da razão”.

Recriminou a arquitetura americana que faz um ‘tratamento de ausentes’ com fundamento em estatísticas. “A arquitetura e o urbanismo, em nossa era científica, devem ser produto da observação e nunca de conjecturas estatísticas.”

Fez uma critica política com certeza, quando abordou os atritos existentes dos interesses privados em relação ao coletivo, principalmente no cenário urbano. Comenta sobre a construção de um alto edifício que pode, como ponto de referencia e proporção, tornar pequeno o Pão de Açúcar, estragando o cenário natural que a todos pertence.

Alvar Aalto no texto de 1940, “Por uma arquitetura mais humana” já colocava que “a corrente mais recente da arquitetura moderna se esforça para elaborar soluções racionais, que partem da técnica, certamente, mas que consideram ao mesmo tempo os componentes humanos e psicológicos”¹² – Para Aalto arquitetura “não é uma ciência. Arquitetura é um maravilhoso processo de síntese no qual são juntados milhares de componentes humanos”.

Tentaremos fazer agora a leitura dos três textos de Neutra acima citados relacionando-os aos projetos arquitetônicos e urbanísticos e aos livros de sua autoria “Survival Through Design” e “Realismo Biológico: um nuevo renacimiento humanístico em arquitectura”. O primeiro, publicado em 1954, são 47 ensaios que tem por princípio elencar as preocupações de um arquiteto urbanista frente a uma civilização que ele denomina de técnica e arrogante, que crê no progresso como devastação. Como arquiteto que sempre defendeu a industrialização e a standardização da construção, Richard Neutra sentia-se à vontade para criticar a devastação que algumas obras da civilização técnica causavam ao meio ambiente; criticou os projetos que arrasavam quarteirões e as cidades, que foram projetados sem considerar as peculiaridades dos lugares. No livro *Survival through design*, ele afirmou que o “projeto deveria ser traçado com uma compreensão biológica do meio

¹² Aalto, Alvar – “Per un’architettura più umana”- in BENEDETTI, M.& PRACCHI, A. “Antologia dell’architettura moderna: testi, manifesti, utopia”. Bolonha: Zanichelli Ed., 1988, pág. 790.

ambiente e do homem” para conter a devastação e assegurar “a nossa sobrevivência” (NEUTRA, 1954). Devemos entender bem que Neutra não estava criticando a técnica e o progresso, mas um “funcionalismo pragmático” que não reconhecia o meio ambiente para o qual estavam trabalhando.

Neutra defendia a teoria que as pessoas precisavam de um contato físico com a natureza e que precisavam ver o horizonte, e buscou nos seus projetos explorar esse contato e as sensações proporcionadas por ele.

“tenho tentado o melhor que pude, que minhas obras estivessem sensivelmente relacionadas com a paisagem, tendo em conta, inclusive o movimento do sol, [...]. Esta sutil adequação à paisagem, combinada com um número limitado de meios construtivos, dá como resultado uma variedade surpreendente, por assim dizê-lo, de um denominador comum, como na antiguidade se produziu desde a Sicília ao mar Negro. Este era o meu desejo e meu enfoque do problema, espero não ter fracassado totalmente. Trabalhei pacientemente durante quarenta anos, enquanto os gregos puderam dedicar-se quatro célebres séculos, para aprender a construir de forma adequada às necessidades humanas (NEUTRA, 1962, p. 11).

No texto “A lógica das janelas”¹³, Neutra indaga sobre o que é novo na casa do homem, e responde que é, de certo modo, uma aproximação com a dinâmica externa: a mudança de luzes e o movimento das nuvens, o caminho do sol, as mudanças das correntes de ar, o sopro dos cheiros, os piados dos pássaros ou o coaxar das rãs. Assim, a lógica é a relação mais próxima com o exterior, e a janela é o caminho para isso.

O segundo livro, publicado na Argentina em 1958, é uma coletânea das palestras pronunciadas em 1956, no Canadá, por Richard Neutra. As palestras estão divididas em três grupos: o primeiro diz respeito à filosofia do projeto, no segundo agrupa as palestras referentes ao ensino de arquitetura e na terceira parte do livro relata a sua biografia, o começo de sua carreira nos Estados Unidos.

Na palestra “El Derrumbe de los idolos” Neutra fez uma crítica ao lema de Sullivan “a forma segue a função” afirmando que ele não proporciona uma resposta a todos os problemas de projeto e questionando se a função pode chegar a ser uma consequência da forma. Segundo Neutra, é preciso diferenciar entre o que é habitual e o que é funcional. Nesse texto reafirmou também sua crença na atuação dos estímulos sobre o homem e a arquitetura ser trabalhada afim de promover satisfações vitais auditivas, visuais e térmicas.

¹³ Richard Neutra, junho 1955, fichário: Ideas de 1955- 1957 - UCLA

“O que sempre fica são as necessidades biológicas do homem. Qualquer coisa que projetamos, utilizando não importa que materiais ou qual tecnologia de construção, a projetaremos para o homem, a mulher e a criança. Se possuímos nova informação sobre eles e a usamos como se deve, então teremos uma nova arquitetura.”

Neutra foi um pensador indutivo, não dedutivo, não estava embasado em teorias com dados, mas na sua própria intuição. O arquiteto Richard Neutra sempre teorizou as suas ações de projeto, escreveu sobre o que ele buscou na arquitetura, e como utilizou a arquitetura como pesquisa. Neutra estava convencido de que a investigação metódica, sistemática e bem detalhada era importante para a arquitetura, mas acreditava também que a intuição dava subsídios para essa investigação (NEUTRA, 1962, p.63). Provavelmente por trabalhar algumas vezes com a intuição, os textos de Neutra não tenham sido lidos com seriedade e interesse pelos historiadores da arquitetura moderna. Um arquiteto da prática de projeto que percebe e aplica os parâmetros teóricos da percepção, da psicologia na sua arquitetura. Escreve sem ser um especialista. Segundo o professor Joaquim Guedes, o arquiteto Richard Neutra abordou os temas relacionados a psicologia e ao bio-realismo em uma palestra em São Paulo mas não foi bem recebida pelos ouvintes.

A importância de rever os trabalhos de Neutra está segundo MONTANER (1993) no ressurgimento de arquiteturas que primam pela busca de um sentido tectônico, “se trata da recuperação de uma poética da sensibilidade, do silêncio e do contextualismo que toma como referência, por exemplo a obra de Richard Neutra, Luis Barragán, José Antonio Coderch ou Álvaro Siza Vieira.”¹⁴

Dois projetos de Richard Neutra contaram com a participação de Roberto Burle Marx para contribuir com síntese das artes na arquitetura. Na casa De Schulthess, perto de Havana, Cuba, de 1956, Marx foi convidado por Neutra para fazer o paisagismo enfatizando assim uma das premissas dos projetos de Neutra que é relacionar o interior da residência com a paisagem exterior. É casa com 743 m² num subúrbio residencial valorizado, a implantação foi cuidadosamente estudada para manter um contato com o solo e ao mesmo tempo uma relação com a rua. A face leste da casa tem dois pavimentos e um muro prolonga para dar privacidade, as faces norte e sul são em panos de vidro.

¹⁴ MONTANER, J. Maria. (1993) – “Después Del movimiento moderno: arquitectura de la segunda mitad del siglo XX”, Barcelona: Ed. Gustavo Gili, pág. 260.

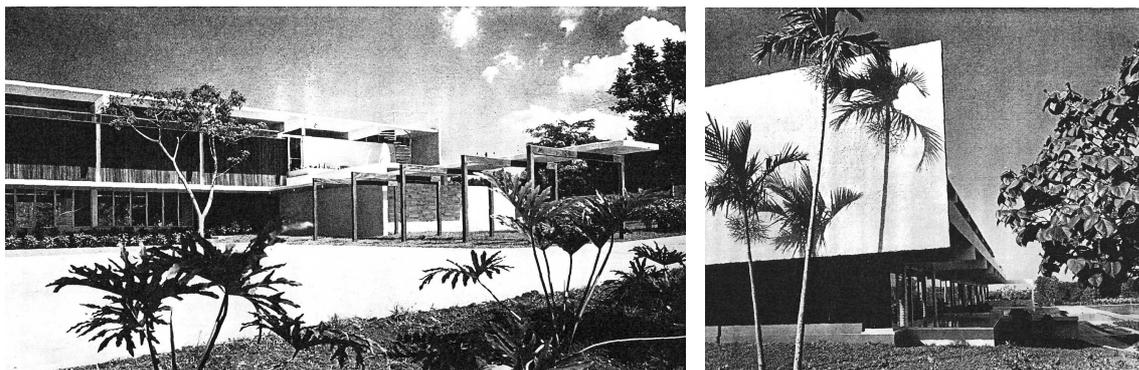


figura 2 - Casa de Schulthess - 1956 – Havana - Cuba
Fonte: BOESIGER (1960, p. 55, 61)

No painel da Liga dos Trabalhadores do Vestuário - “Amalgamated Clothing Workers of America” - em Los Angeles em 1956, Burle Marx desenhou, além do paisagismo, um mural abstrato nas cores preta, branca, verde e amarela, infelizmente hoje inexistente. São trabalhos muito elogiados pelos historiadores. “Um maravilhoso painel abstrato” – escreve Hines (1982) a respeito do painel de Los Angeles. Sobre o paisagismo da Casa em Cuba, Boesiger (1960) afirma: “a colaboração com Roberto Burle Marx reforçou a harmoniosa unidade entre a arquitetura e a paisagem”. (p.52)

O artista e paisagista brasileiro Burle Marx já havia trabalhado com vários arquitetos com um espírito de integração entre arquitetura e arte mural. Na sede da Liga dos Trabalhadores seu painel construtivista com base na vertente De Stijl via Mondrian, estava no saguão, um espaço de acesso público e demonstrava a participação social do artista. Como nos ensina FERNANDES o abstrato geométrico juntamente com o figurativo foram utilizados nos painéis —

“Em 1948, período em se realizou a Exposição intitulada ‘Do Figurativismo ao Abstracionismo’ Di Cavalcanti, Portinari, Volpi e Clóvis Graciano trabalham painéis e murais em obras arquitetônicas espalhadas pela cidade. Valendo-se tanto da figuração como do abstracionismo geométrico, levam a crença comum em uma arte que se faz pública e democrática.”¹⁵

LAMPRECHT(2000) comenta sobre o trabalho de paisagismo de Burle Marx na arquitetura de Richard Neutra: “Não é surpreendente que Neutra freqüentemente trabalhe com o pintor Roberto Burle Marx e Garret Eckbo, ambos brilhantes paisagistas do século XX. Seus trabalhos livres, mas mesmo assim repletos de segurança, quando empregam curvas e diagonais oferecem um dinamismo aprimorado às formas retilíneas de Neutra.”

¹⁵FERNANDES, Fernanda – *A síntese das artes e a moderna arquitetura brasileira dos anos 1950*. In www.iar.unicamp.br/dap/vanguarda/artigos_acessado_em_abril_2009, pág. 8.

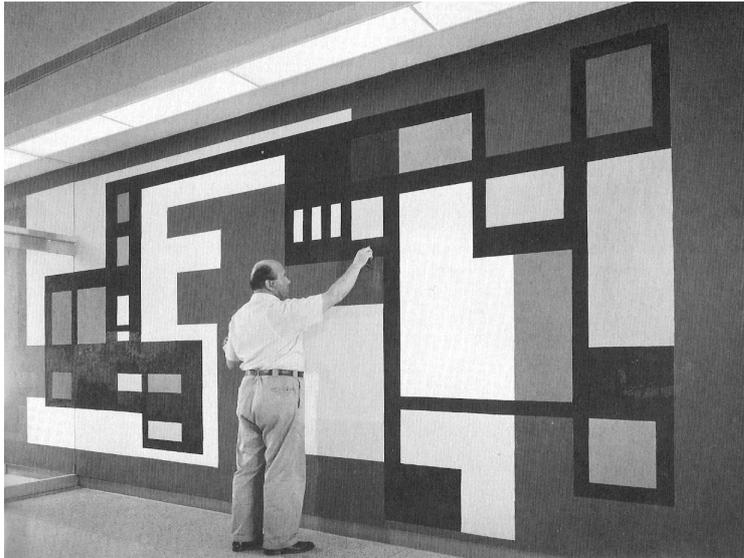


figura 3 - Assistente completando o painel de Roberto Burle Marx para a Liga dos trabalhadores do Vestuário - Los Angeles
Fonte: HINES (1982, p.243)

Referências Bibliográficas

ANAIS do Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte. Brasília - São Paulo – Rio de Janeiro, 17 a 25 de setembro de 1959. Mimeo - transcrição por Mary Pedrosa.

ANDRADE, Marco A. Pasqualini de – O Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte de 1959: Contradições da Síntese das Artes. Houston: ICAA Documents Project Working Papers, n. 2, maio 2008.

FERNANDES, Fernanda – A síntese das artes e a moderna arquitetura brasileira dos anos 1950. In www.iar.unicamp.br/dap/vanguarda/artigos acessado em abril 2009.

_____ – Arquitetura no Brasil no segundo pós-guerra – a síntese das artes. In www.docomomo.org.br/seminario acessado em março de 2009.

LAMPRECHT, B. M. Richard Neutra: complete works. New York: Taschen, 2000.

NEUTRA, R. – Dos aspectos formais não visuais do plano da cidade e seu contexto urbanístico. Revista Habitat n. 57, out-nov de 1959, pág 16 e 17.

_____. Survival through design. New York: Oxford University Press, 1954.

_____. Realismo biológico: un nuevo renacimiento humanístico en arquitectura. Buenos Aires: Ed. Nueva Vision, 1958.

_____. Planejamento - um problema humano, com base no indivíduo. Módulo, Rio de Janeiro, n. 15, p. 14-17, 1959.

PEDROSA, Mario – Dos Murais de Portinari aos Espaços de Brasília. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1981.